

ASPECTOS DE BEM-ESTAR EM FELINOS

(Aspects of feline welfare)

Sabrina Ferreira dos SANTOS; Vanessa Bonfim da SILVA*

¹Universidade do Estado da Bahia, Campus IX - Barreiras, BR 242, KM 04 s/n.
Flamengo/BA. CEP: 47.802-682. *E-mail: vanessasilva@uneb.br

RESUMO

O bem-estar animal pode ser definido como “o estado físico e mental de um animal em relação às condições em que vive”, e engloba áreas como etologia, fisiologia, psicologia, saúde e reprodução. Quando o bem-estar é respeitado, o animal apresenta-se saudável, confortável, bem nutrido, seguro, não sofre com dor, medo ou angústia e é capaz de expressar seus comportamentos naturais. Os gatos são uma das maiores populações de animais do mundo, tomando cada vez mais espaço como animal de companhia. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão de literatura acerca dos principais aspectos de bem-estar de felinos domésticos e silvestres. Para tanto, realizou-se uma revisão narrativa, utilizando artigos científicos, teses e dissertações publicadas e disponíveis em bases de dados online. Como resultados, tem-se que o bem-estar de felinos é algo que vem sendo bastante estudado, pois, são animais com diversas peculiaridades comportamentais, o que torna mais difícil seu manejo e interações com tutores e com médicos veterinários. Com esse entendimento sobre seu comportamento, esses animais vêm recebendo manejos e enriquecimento ambiental mais adequados, e uma alimentação correta, tanto para felinos domésticos como para felinos selvagens. O manejo *cat friendly* vem crescendo cada vez mais, oferecendo locais adequados para o cuidado de felinos e profissionais treinados para reconhecer seu comportamento individual. Considerando as particularidades desses animais, é importante conhecer seu comportamento para tratá-los de forma correta, através de manejo adaptado. Desta forma, o objetivo desse trabalho foi o de trazer através de uma revisão da literatura os aspectos de bem-estar de felinos domésticos e selvagens.

Palavras-chave: Comportamento felino, enriquecimento ambiental, manejo *cat friendly*.

ABSTRACT

Animal welfare can be defined as “the physical and mental state of an animal in relation to the conditions in which it lives”, and encompasses areas such as ethology, physiology, psychology, health, and reproduction. When welfare is respected, the animal appears healthy, comfortable, well-nourished, safe, does not suffer from pain, fear or anguish, and can express its natural behaviors. Cats are one of the largest animal populations in the world, taking up more and more space as companion animals. Therefore, the objective of this work was to carry out a literature review about the main aspects of domestic and wild feline welfare. For this, a narrative review was carried out, using scientific articles, theses, and dissertations published and available in online databases. As a result, the feline welfare is something that has been extensively studied, as they are animals with various behavioral peculiarities, which makes their management and interactions with owners and veterinarians more difficult. With this understanding of their behavior, these animals are receiving more appropriate management and environmental enrichment, and correct nutrition, both for domestic and wild felines. Cat friendly management is growing more and more, offering appropriate places to care for felines and professionals trained to recognize their individual behavior. Considering the particularities of these animals, it is important to know their behavior to treat them correctly, through adapted management. This work aimed to bring through a literature review the aspects of domestic and wild felines welfare.

Keywords: Feline behavior, environmental enrichment, cat friendly management.

INTRODUÇÃO

Bem-estar é um tema de caráter multidisciplinar que engloba várias áreas do conhecimento, como etologia, fisiologia, psicologia, saúde e reprodução (VEISSIER e MIELE, 2014). Atualmente, o bem-estar animal é requerido na criação dos animais, sejam *pets*, silvestres ou de produção, existindo uma demanda da sociedade pela sua promoção em todos os ambientes que esses animais habitam. O bem-estar animal pode ser definido como “o estado físico e mental de um animal em relação às condições em que vive e morre”. Quando o bem-estar é respeitado, o animal apresenta-se saudável, confortável, bem nutrido, seguro, não sofre com dor, medo ou angústia, e é capaz de expressar comportamentos importantes para seu estado físico e mental (OMSA, 2016).

O bem-estar animal segue os princípios das cinco liberdades que devem ser aplicados continuamente para o benefício dos animais. Os princípios das cinco liberdades inicialmente propostos são: (1) liberdade nutricional, (2) liberdade sanitária, (3) liberdade ambiental, (4) liberdade comportamental e (5) liberdade psicológica (SANTOS *et al.*, 2014). Em 2006, as cinco liberdades foram adaptadas para as cinco necessidades de bem-estar animal, sendo elas: (1) um ambiente adequado, (2) dieta adequada, (3) ser alojado com, ou afastado, de outros animais, (4) poder expressar padrões normais de comportamento, e (5) ser protegido da dor, sofrimento, lesão ou doença (WSAVA, 2019).

Nesse contexto, o gato (*Felis catus*) é um animal que gera uma preocupação constante, pois tem grande energia de movimentação e muitas vezes, são criados em ambientes pequenos como apartamentos, necessitando de estratégias de enriquecimento ambiental para manutenção do seu bem-estar nos domicílios. Os gatos são uma das maiores populações de animais do mundo, tomando cada vez mais espaço como animal de companhia, superando os cães em alguns países. De acordo com a última pesquisa divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2019, o Brasil contava com pelo menos 23,9 milhões de gatos domiciliados (IPB, 2019).

Já em relação aos felinos silvestres, eles são predadores que dominam o topo da cadeia alimentar, necessitam apenas de uma pequena parte do dia para caçar e se alimentar, passando o restante descansando ou patrulhando seu território. Representam também uma grande importância no meio ambiente e no equilíbrio ecológico (ALMEIDA e MELO, 2005). O estudo de animais em cativeiro é dificultado em virtude da diferença na personalidade própria de cada animal, bem como a variedade na estrutura dos recintos e, por conta disso, desconhece-se um parâmetro comportamental a ser seguido (MORENO e LESEUX, 2018).

A inserção social do felino na organização familiar contemporânea, modificou o conceito de família, uma vez que transformou as relações afetivas entre os animais e seus tutores, desenvolvendo, desta forma, a chamada “família multiespécie”. Essa nova configuração familiar, trouxe mudanças também na medicina veterinária sobre a avaliação dessa interação e sobre o bem-estar dos animais que são diretamente afetados (OLIVEIRA e NOTOMI, 2023). Portanto, o objetivo deste artigo foi realizar uma revisão de literatura acerca dos aspectos de bem-estar em

felinos domésticos e silvestres, através da abordagem dos principais pontos discutidos na literatura até o momento.

DESENVOLVIMENTO

Características comportamentais dos gatos

A proximidade dos seres humanos com animais de estimação ocorre há pelo menos 10.000 anos e é um evento comum em todas as sociedades (CARDOSO *et al.*, 2017). A crescente urbanização tem favorecido os gatos em relação aos cães como animais de companhia, dando sentido à previsão de que, o gato, é o animal de companhia do futuro (BRADSHAW *et al.*, 2012). A população de gatos cresceu em todo o mundo, aumentando assim os casos de queixas durante as consultas advindas de problemas comportamentais, culminando na necessidade de médicos veterinários especialistas em comportamento de felinos (SCHÄFER *et al.*, 2021). Contudo, muitas pessoas escolhem os gatos como animais de estimação com expectativas irrealistas de que são animais independentes e que necessitam de poucos cuidados (FARACO, 2021).

Para muitos tutores, os recursos necessários para que o sucesso no cuidado com esses animais, se resumem a água, alimento e caixa de areia. Por isso, o ambiente dos gatos, na maior parte dos casos, pode ser considerado inadequado e não satisfaz as necessidades dos felinos, comprometendo assim sua saúde física e psicológica (FRAGOSO, 2021). A falta de compreensão dos proprietários sobre o comportamento normal dos gatos pode levar a erros no manejo, que impactam negativamente no bem-estar (HART, 2014).

Os gatos possuem características comportamentais únicas que devem ser levadas em consideração para que tenham um manejo adequado. São caçadores solitários, evitam brigas com outros gatos sempre que possível, e conseguem isso se distanciando de outros felinos (BOWEN e HEATH, 2005). São animais de comportamento peculiar, alta sensibilidade às mudanças ambientais mesmo as aparentemente suaves ou simples, podendo apresentar comportamentos indesejados pelos tutores (PAIXÃO e MACHADO, 2015).

A caça também é um comportamento de brincadeira e pode ser possível distraí-los com brinquedos amarrados em um fio (RODAN *et al.*, 2011). Em relação ao comportamento reprodutivo, os gatos apresentam algumas particularidades, tais como agressividade, vocalização, fugas, cios e gestações frequentes (MACHADO *et al.*, 2019).

Alguns comportamentos problemáticos dos felinos vêm de ameaças percebidas à sua segurança, muitas vezes em conflitos com outros gatos. Também podem ser de origem desenvolvimental, muitas vezes causados pela exposição inadequada a estímulos cruciais, como pessoas, durante o período de socialização. Eventos aversivos vivenciados em qualquer idade também podem contribuir para esse comportamento. Muitos desses problemas podem ser causados devido ao gato ser impedido de praticar seu comportamento natural, levando-os a um estado de estresse. Esses problemas podem ser apenas respostas adaptativas essenciais aos gatos, porém não aceitas pelos tutores, ou aquelas as quais vem em resposta à condições patológicas (BRADSHAW, 2018).

É necessário que os tutores saibam que o gato, quando está tranquilo e deseja interagir, comunicam isso por meio de linguagem corporal com o ronronar, piscar lentamente, friccionar a face, permanecer próximo, e pode rolar calmamente em direção a quem está interagindo (ELLIS *et al.*, 2013). Os gatos utilizam diversas modalidades como meios de comunicação de informações, tais como, posturas corporais, expressões faciais, estímulos táteis ou toque, arranhões com garras e pulverização de urina (HORWITZ, 2019).

Guarda responsável para felinos domésticos

A guarda responsável é definida como “a responsabilidade do tutor fornecer um bom cuidado em relação às necessidades de seu animal por toda vida do animal” (MARS PETCARE e PET BRANDS, 2018). Isso inclui criar melhores condições para que o animal seja feliz, saudável e bem-socializado e desfrute de um aspecto positivo de bem-estar. Além das implicações para o bem-estar dos animais de companhia, a tutoria irresponsável pode gerar consequências negativas para a sociedade, como animais perambulando nas ruas, perturbações, sujeiras e mordeduras (MCCUNE, 2021).

A conscientização da comunidade sobre a guarda responsável associada às políticas públicas é ponto fundamental para a promoção do bem-estar animal. A maioria das cidades apresenta uma grande população canina e felina errante, o que lhe acarreta graves problemas sanitários e de maus tratos (SANTOS *et al.*, 2014).

Atender às necessidades ambientais é essencial para o bem-estar ideal do gato, e não apenas o ambiente físico do gato (dentro ou fora de casa, no ambiente doméstico ou na clínica veterinária), mas também aquelas que afetam a interação social, incluindo respostas ao contato humano (ELLIS, 2013). Acredita-se que ter acesso ao ar livre seja benéfico para o bem-estar físico e mental dos gatos, porém, com o aumento da urbanização, diminui-se cada vez mais o acesso dos pets a espaços ao ar livre, aumentando assim o número de animais mantidos estritamente dentro de casa (FOREMAN-WORSLEY e FARNWORTH, 2019).

Machado (2019), traz uma classificação de como pode ser o modo de criação dos gatos, proposta por Crowley *et al.* (2019) em que diz: a) gatos exclusivamente domiciliados (*indoor*), são mantidos totalmente confinados, com controle de alimentação, reprodução e movimentação pelo tutor; b) domiciliados dentro e fora da residência (*indoor - outdoor*), são confinados mas com acesso à área externa (varandas e quintais), com controle da alimentação, reprodução e deslocamento só que em menor grau; c) não-confinados (*free-ranging*), possuem domicílio mas tem acesso irrestrito a rua, com baixo controle da alimentação, reprodução e sem nenhum controle de deslocamento; d) gatos ferais (*feral*), sem nenhum grau de controle ou provisão pelo tutor quanto à alimentação, reprodução ou deslocamento.

Nos aspectos alimentares, a nutrição animal ocupa um dos lugares centrais quando se trata do bem-estar animal, onde o tutor deve levar em consideração e atender às necessidades especiais que os animais apresentam, visto que são de outras espécies e não podem se alimentar da mesma forma que os humanos. O atendimento dessas necessidades representa o respeito que se espera que os proprietários tenham para com os animais com quem dividem as residências (CARCIOFI e GOMES, 2021).

Fornecer nutrição adequada é responsabilidade essencial do tutor. Portanto, as necessidades nutricionais felinas devem ser respeitadas e a quantidade apropriada de calorias deve ser seguida ao longo da vida, o que irá auxiliar na prevenção de futuros problemas de saúde (MCCUNE, 2021). Apesar de fazerem parte de uma família multiespécie, é necessário considerar que gatos e humanos são espécies distintas. Isso determina que os gatos têm necessidades especiais, as quais devem ser compreendidas e ofertadas pelo tutor. Assim, fornecer alimentos ricos em açúcares ou transferir valores alimentares culturais humanos, como vegetarianismo e veganismo para os felinos, significam falta de compreensão das necessidades alimentares do animal, expondo-os à desnutrição e à obesidade, limitando seu bem-estar (CARCIOFI e GOMES, 2021).

Os gatos têm requisitos obrigatórios de nutrientes que não são essenciais para muitos outros mamíferos. O alto requisito de proteína dos gatos, por exemplo, é devido ao seu alto requisito de nitrogênio, pois possuem uma capacidade limitada de controlar a atividade de suas aminotransferases e enzimas do ciclo da ureia (GREEN *et al.*, 2008; FASCETTI, 2010). A falta de controle regulatório negativo sobre as aminotransferases e enzimas do ciclo da ureia torna os gatos capazes de metabolizar e usar aminoácidos para gliconeogênese e como fonte de energia. Assim, existem seis outros nutrientes, considerados essenciais nas dietas felinas que não são reconhecidos como essenciais na maioria das outras espécies devido às baixas atividades de enzimas em suas vias sintéticas. São eles: os aminoácidos arginina e taurina, ácido araquidônico, vitamina B3 (niacina) e vitaminas A e D (FASCETTI, 2010; CARCIOFI e GOMES, 2021).

A arginina é o aminoácido essencial para os felinos, necessária para a síntese de proteínas. Destaca-se como essencial também ao ciclo da ureia, pois sem arginina este ciclo não ocorre, e amônia se acumula no organismo, provocando sinais clínicos severos. Já a taurina, é sintetizada pela maioria dos mamíferos adultos a partir da metionina e da cistina, porém os gatos realizam essa conversão de forma limitada, necessitando desse aminoácido em sua dieta, pois é importante para a conjugação dos ácidos biliares, o funcionamento da retina e do miocárdio, assim como para a reprodução das gatas (CASE *et al.*, 2010; NRC, 2006b; CARCIOFI e GOMES, 2021).

Da mesma forma, gatos apresentam capacidade limitada para produzir ácido araquidônico a partir do ácido linoleico e ainda são incapazes de converter compostos carotenoides na forma ativa da vitamina A, o retinol, devido à ausência da enzima dioxigenase na mucosa do enterócito, demonstrando a dependência carnívora da espécie, pois o ácido araquidônico e a vitamina A pré-formada só são encontrados em tecidos animais, não sendo produzidos por vegetais (NRC, 2006a; CARCIOFI e GOMES, 2021).

A vitamina B3 (niacina) é requerida pois, seu precursor, o aminoácido triptofano, nos gatos, é desviado para gliconeogênese (CASE *et al.*, 2010; FASCETTI e DELANEY, 2012; NRC, 2006c; CARCIOFI e GOMES, 2021). Essa necessidade da niacina, juntamente com a vitamina D é devida à alta atividade das enzimas carboxilase picolínica e 7-desidrocolesterol- Δ 7-redutase, respectivamente, as quais resultam na degradação de precursores para sua síntese. Compatível à sua classificação como carnívoros obrigatórios, os gatos têm um número

reduzido de enzimas metabolizadoras de carboidratos em comparação aos animais onívoros, não sendo adequada para a espécie o fornecimento de alimentos à base de açúcares (FASCETTI, 2010). Desta forma, o oferecimento de uma dieta balanceada com os nutrientes essenciais para seu metabolismo é considerado um respeito ao bem-estar felino e às suas características de carnívoro estrito.

Em relação aos aspectos reprodutivos, a castração é uma das estratégias mais utilizadas para manter o controle das populações de animais (MACHADO *et al.*, 2018). Por ser um procedimento cirúrgico que modifica alguns processos fisiológicos no animal, são debatidas algumas questões sobre como o bem-estar animal é afetado. Fraser (2012) defende o ato de castração, citando que o macho livre do hormônio reprodutivo é beneficiado de várias formas, como, da constante agressividade, principalmente com outros animais machos. Além disso, os gatos permanecem mais tempo em suas residências, minimizando a chance de adquirir doenças em conflitos, ser atropelado, ou ser atacado por outros animais.

A extensão do efeito da alteração comportamental dos gatos, vai depender de quando a cirurgia foi realizada. Se for antes do primeiro ano de vida, seu efeito será mais abrangente, no sentido de alterar o comportamento desses animais (BRADSHAW *et al.*, 2012).

A castração precoce, (feita antes da puberdade), apresenta alguns benefícios como, menor custo, recuperação mais rápida, menor risco de hemorragia, prevenção de crias indesejadas e de diversas enfermidades hormônio dependentes comparada à castração convencional, realizada a partir dos seis meses de idade (SILVA *et al.*, 2016). No entanto, literaturas mais recentes sugerem que a idade ideal para castração de gatas não destinadas à reprodução é de cinco meses de idade, pois ocorre a menor incidência de neoplasias mamárias e de Doença do Trato Urinário Inferior dos Felinos (DTUIF) (ESTRELA-LIMA; SILVA, 2023; WEEDON *et al.*, 2020).

A realização de exercício físico também é importante, pois é fundamental para o crescimento e desenvolvimento dos gatos, para manter o peso corporal ideal e a massa muscular magra, e para estimulá-los mentalmente, o que é essencial para uma boa saúde (MCCUNE, 2021).

Fatores estressantes para felinos domésticos

O estresse é uma interação complexa de reações cognitivas, emocionais e físicas, que podem resultar de uma variedade de estímulos, positivos ou negativos. O estresse não está presente apenas em situações desafiadoras, ele pode surgir sempre que houver uma perturbação no equilíbrio interno do animal. Embora seja considerada uma resposta natural e saudável quando acionada adequadamente, ela deve ocorrer apenas esporadicamente (LEVINE, 2008).

De acordo com Mills (2024), os gatos são vulneráveis às mudanças repentinas e a partir disso podem desenvolver um quadro de estresse que pode promover a redução da alimentação e da ingestão de água, dejeção fora da caixa de areia ou ausência de eliminação de fezes, extrapolando 24 horas, elevando o risco de ocorrer constipação. Quando a razão do estresse está ligada ao isolamento ou clausura, é comum que apresentem episódios de diarreia e vômitos intermitentes.

A agitação humana, o manuseio áspero, movimentos bruscos ou erráticos ou vozes altas podem causar uma reação de medo ou agressividade nos gatos (RODAN *et al.*, 2011). Apesar do medo ser uma emoção normal, ao se mostrar em excesso, produz um impacto negativo sobre o bem-estar físico e emocional do indivíduo, especialmente se permanecer, o que pode gerar, assim, um estado de distresse (estresse crônico ou patológico) (SNITCOFSCKY, 2021).

Os gatos apresentam alguns sinais corporais ao se sentirem ameaçados ou com medo, alguns deles podem ser vistos através da posição das orelhas, as costas arqueadas e a movimentação do rabo, mudanças nos olhos e na face e vocalização (RODAN *et al.*, 2011) (Fig. 01 e 02). Uma das ações que pode ajudar a reduzir o estresse é oferecer ao animal certo grau de controle do ambiente físico e interações sociais (MCCUNE, 2021).



(Fonte: Adaptado de GAMBA, 2022. <https://newsprofissoes.com.br/a-linguagem-dos-gatos>)

Figura 01: Expressões faciais dos gatos demonstradas através das orelhas.



(Fonte: Adaptado de DARIO, 2015. <https://www.almanaquesos.com/gatos-e-a-linguagem-do-rabo/>)

Figura 02: Linguagem corporal do gato através do rabo.

O “período sensível”, compreendido nas primeiras 8 a 14 semanas de vida, é denominado como o estágio de desenvolvimento no qual um animal tem um risco de desenvolver traumas, pois este é o período de socialização e que o animal aprende a ter relacionamentos com humanos e outros animais. Desta forma, se o animal tiver oportunidades através de experimentação, pode aprender a modular respostas com os estímulos ambientais que recebe, sejam esses estímulos positivos ou negativos (OVERALL; DYER, 2005). Durante esse período, eles aprendem a aproveitar a companhia de outros animais, bem como de pessoas. Determinados eventos, durante essa fase, poderão afetar o comportamento dos animais quando forem adultos e suas relações subsequentes (MCCUNE, 2021).

Para prevenir problemas como medo e ansiedade, é necessário, respeitar o momento ideal da separação materno-filial e o período de lactação (ambos com cerca de 8 semanas de idade), a lactação deve ocorrer em ambiente adequadamente estimulante, adaptação a estímulos durante o período sensível, socialização com outras espécies durante esse período, ambientação ao uso da caixa de transporte, guia ou coleira, manobras de contenção, manipulação e semiológicas, e ambiente físico e social estável e previsível (SNITCOFSCKY, 2021).

Enriquecimento ambiental para gatos domésticos

O enriquecimento ambiental pode ser definido como “qualquer adição ao ambiente de um animal que resulte em um suposto aumento da qualidade e uma subsequente melhoria presumida para o bem-estar do animal” (ELLIS, 2009). Para dar a um gato a melhor vida possível como companheiro animal, todos aqueles que vivem e trabalham com gatos devem entender as necessidades ambientais básicas dos felinos e os padrões de comportamento que são aplicadas a todos os gatos, independente do estilo de vida (ELLIS *et al.*, 2013). Para garantir o bem-estar dos gatos domésticos sob cuidados humanos, é crucial fornecer espaço adequado, várias opções de enriquecimento e oportunidades de interação social (SANTANA, 2023).

Um lugar seguro para um gato é uma área privada e muitas vezes em um local elevado. Aonde o gato vai para se sentir protegido e, em momentos de relaxamento, funciona como uma área de descanso ou para dormir. Se possível, os gatos devem ter acesso a locais seguros ao ar livre, que é seu ambiente natural. O passeio com coleira é uma opção segura, desde que o gato tenha sido treinado positivamente para a coleira e que escolha onde quer andar (ELLIS *et al.*, 2013).

Ao introduzir um gato em um novo lar, devem sentir-se protegidos e seguros. É importante restringir seu acesso a um único aposento e, de forma gradual, ampliar o espaço acessível, para ajudá-lo a se familiarizar com o ambiente. O local de descanso deve ser confortável, localizado onde não tenha estímulos que causam medo e que tenha enriquecimentos, como locais para se esconder (DEFRA, 2013).

O enriquecimento ambiental é uma forma eficaz para melhorar o bem-estar mental dos animais. Ellis *et al.* (2013), traz a forma em que os recursos ambientais devem ser propostos aos gatos, citando que, cada recurso - área de banheiro, tigelas de comida e água, área de lazer, área de descanso ou dormir, área de arranhar - devem estar em locais separados, ampliando a

área do ambiente do gato e para que ele possa ter uma escolha e privacidade.

Manejo de gatos em abrigos

Abrigos de animais são locais que alojam animais abandonados por períodos indefinidos, podendo ser de forma temporária ou permanente, quando esses animais não são adotados (FOLEY, 2012). Nos abrigos, pode-se observar a grande população de gatos em alojamento ou em pequenos recintos como gaiolas, cercados ou abrigo em locais coletivos com recursos escassos ou inexistentes e uma grande quantidade de animais com comportamentos inadequados, de estresse constante, adoecimento, agressividade, e mesmo muitas mortes (GOURKOW e FRASER, 2006). Nesses locais pode ocorrer também o aumento da exposição, susceptibilidade e transmissão de doenças infecciosas (PESAVENTO e MURPHY, 2014).

O ambiente do abrigo pode ser estressante, fazendo com que os gatos se tornem menos ativos, brincalhões e exploradoras, além de ficarem muito tempo escondidos. A adoção precoce pode evitar o estresse a longo prazo, mas, geralmente, os adotantes olham para o comportamento e simpatia dos animais antes da adoção (GRANT e WARRIOR, 2019).

O estresse presente nesses recintos é devido à combinação de novos estímulos, cuidados de saúde e procedimentos de manuseio que os gatos consideram aversivos, e a proximidade com outros felinos (LEY, 2015). Esse estresse pode se manifestar de diversas formas, como agressão aos humanos ou aos outros animais, comportamentos repetitivos, como estimulação ou excesso de tosa, e problemas de saúde relacionados ao estresse (TANAKA *et al.*, 2012).

Uma série de comportamentos podem ser observados quando os animais são alojados em gaiolas individuais, indicando bem-estar reduzido, manifestados com agressividade, hipervigilância, autolimpeza, vocalização excessiva, recusa de alimento, apatia e baixa imunidade. O ato de alojar gatos em ambientes coletivos pode significar uma fonte adicional de estresse para gatos tímidos, muito jovens ou mais idosos (GOURKOW e FRASER, 2006).

As principais razões para o abandono de gatos que são acolhidos nos abrigos são práticas culturais equivocadas, falta de percepção, entendimento e interpretação do comportamento natural da espécie felina (PAIXÃO e MACHADO, 2015). Os animais de abrigos são recolhidos por serviços municipais ou de organizações não governamentais (ONGs) e a grande maioria passa a viver em ambientes coletivos pobres em recursos básicos à espécie, sendo condenados a viverem ali por falta de ações efetivas que possam minimizar o abandono e reconduzir os animais a uma nova oportunidade de um lar (DYBDALL *et al.*, 2007). Os principais tipos de enriquecimento ambiental recomendados para gatos são: 1) oportunidades de esconderijos; 2) oportunidades elevadas de empoleiramento e; 3) brinquedos (ELLIS, 2009).

Manejo de felinos silvestres em cativeiros

Os felinos silvestres são predadores que dominam o topo da cadeia alimentar tendo uma grande importância no meio ambiente e no equilíbrio ecológico (ALMEIDA e MELO, 2010). O estudo desses animais em cativeiro é dificultado devido à diferença na personalidade própria de cada animal, bem como a variedade na estrutura dos recintos. Por conta disso,

desconhece-se um parâmetro comportamental a ser seguido. O enriquecimento propõe entretenimento e variedade alimentar, diminuindo assim o estresse que o enclausuramento e o público proporcionam, no caso de recintos abertos à visitação (MORENO e LESEUX, 2018).

Ambientes artificiais como o cativeiro, podem ter efeitos na resposta emocional dos indivíduos, causando um rompimento na homeostasia (manutenção do equilíbrio interno do indivíduo) (MOIOLI, 2008). Com isso, os animais tendem a apresentar sinais de estresse apresentando agressividade, automutilação e quadros depressivos. Os recintos para animais em cativeiro requerem consideração cuidadosa para atender às suas necessidades biológicas e promover o bem-estar geral (SANTANA, 2023).

Manter animais em cativeiro implica no dever ético de lhes proporcionar saúde física e psicológica. Procedimentos conhecidos como enriquecimento ambiental buscam elevar o bem-estar de animais cativos, resultantes de modificações em seus recintos (MENDONÇA-FURTADO, 2006). Com isso os animais tendem a desenvolver comportamentos naturais, a introdução de vegetação, presas vivas, pedaços de carne escondidas pelo recinto, aumentam significativamente os instintos naturais do animal como caçar, esconder-se e investigar. Isso faz com que o mesmo sintam-se confortável na habitação (CASTRO, 2009).

As técnicas de enriquecimento ambiental que são utilizadas nos recintos podem ser divididas em cinco grupos: a) Físico: estruturas utilizadas para deixar o recinto mais parecido possível com o habitat natural do animal, podendo ser utilizados troncos, terra, folhas, areia, cipós e cordas (Fig. 03A). b) Sensorial: é a estimulação dos cinco sentidos. Para o paladar diversificação de alimentos, olfato diferentes odores, para audição expor sons como vocalização de outros animais e o tato com texturas diferenciadas. c) Cognitivo: apresentar um problema ao animal para que possa solucionar, estimulando o animal a manipular tal coisa. d) Social: contato com outras espécies como peixes, ou intra-espécie podendo ser do sexo diferente. e) Alimentar: modificação da dieta, horários e quantidades alterando o modo de fornecimento do mesmo (Fig. 03B) (SILVA, 2011).



(Fonte: <https://g1.globo.com>, 2021)

Figura 03: Formas de enriquecimento ambiental para felinos silvestres.

Obs.: A = enriquecimento ambiental com brinquedo; B = enriquecimento ambiental com comida.

Manejo *cat friendly* em consultórios veterinários

Em 2011, a Associação Americana de Praticantes de Felinos (AAFP) e a Sociedade Internacional de Medicina Felina (ISFM) publicaram as “Diretrizes de Manejo Amigável para Felinos da AAFP e ISFM”. Uma clínica *Cat Friendly* tem por objetivo proporcionar o bem-estar felino, principalmente por meio de manejo e ambiente adequados, sem ruídos altos, e manipulação animal sem fatores estressantes, tais como, contenção física agressiva, movimentos bruscos, contato com outros animais. Sem essa preparação, o estresse felino pode se transformar em medo, podendo alterar os resultados do exame físico e dos laboratoriais, acarretando diagnósticos incorretos e tratamentos desnecessários (RODAN *et al.*, 2011).

O estresse pode limitar a capacidade dos veterinários examinarem adequadamente para avaliar as condições médicas dos felinos, porque têm dificuldade na contenção e no exame físico, impactando nos parâmetros fisiológicos. A pressão arterial, a frequência cardíaca e a concentração de glicose no sangue obtidas no ambiente veterinário diferem daquelas obtidas em ambientes domésticos (NIBBLETT *et al.*, 2015; DAWSON *et al.*, 2018). Além disso, a contenção física altera parâmetros como a frequência cardíaca, enquanto a redução do estresse do paciente leva a resultados mais precisos nos testes laboratoriais e melhora o diagnóstico clínico (OVERALL e MILLS, 2012; HERRON e SHREYER, 2014; DAWSON *et al.*, 2018). Desta forma, o manuseio com baixo estresse é importante tanto para a segurança da equipe veterinária quanto para o bem-estar do paciente, não apenas pelos efeitos no comportamento, mas também pelos efeitos adversos nos parâmetros fisiológicos do animal (HERRON e SHREYER, 2014; TATEO *et al.*, 2021).

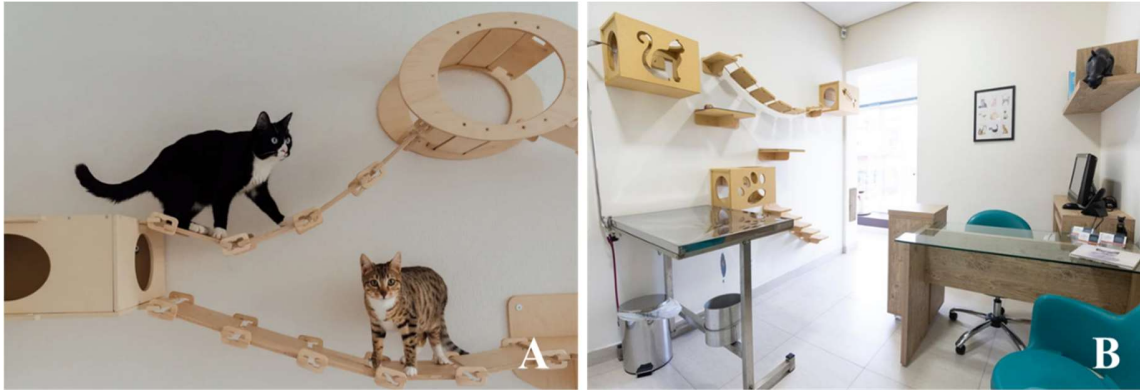
É indispensável que o médico veterinário tenha ciência das necessidades comportamentais da espécie atendida, antes de implementar um manejo *pet-friendly*. Isso quer dizer que, devem identificar corretamente comportamentos individuais e sociais, perceber e reconhecer os sinais que as espécies emitem e entender quais as motivações pelas quais tais sinais são desencadeados. Devem ver o mundo através da perspectiva do animal para fazer adaptações para um manejo amigável para os animais e para seus donos (CHÁVES, 2021).

As pessoas costumam interpretar de forma errônea o comportamento dos gatos e como lidam com estresse e conflito. Veterinários podem ajudar os tutores a entenderem esse comportamento e como resolver problemas, mas para isso, devem compreender as características sociais e comportamentais únicas dos gatos e interpretar tais comportamentos pela perspectiva do animal (RODAN *et al.*, 2011). Interações amigáveis exigem compreensão, interpretação e resposta apropriada aos estados emocionais dos gatos e dar-lhes uma sensação percebida de controle durante a realização da avaliação necessária (RODAN *et al.*, 2022).

Algumas formas de criar um ambiente positivo nas clínicas que recebem felinos são, gerenciar odores, manter as superfícies limpas, lavar sempre as mãos e ventilar o local depois de incidentes olfativos, pois os gatos possuem um olfato sensível que impulsiona muitas de suas respostas comportamentais. Outro ponto importante é minimizar os sinais visuais e auditivos, mantendo outros pacientes longe da linha de visão, se possível fornecer entradas e salas de espera separadas para felinos, minimizar a iluminação e proporcionar um ambiente silencioso. É importante minimizar o tempo de espera dos animais, utilizando compromissos agendados e se

possível atendendo em horários diferentes dos cães (RODAN, 2011).

A otimização de um manejo hospitalar voltado ao bem-estar dos animais permite uma melhora no vínculo humano-animal que se constrói diariamente entre o clínico, o tutor e o animal (MALDONADO e GARCIA, 2015). Assim, o médico veterinário pode promover o bem-estar dos animais proporcionando ambientes saudáveis para os animais em sua prática hospitalar e auxiliando os tutores sobre conhecimentos e habilidades relacionadas ao bem-estar de seus animais em casa (Figs. 04A e 04B) (ARHANT *et al.*, 2019).



(Fontes: A = <https://caesegatos.com.br/>; B = <https://foxvet.com.br/>)

Figura 04: Manejo *cat friendly* em clínica veterinária.

Obs.: A = ambientação para gatos; B = área exclusiva para felinos em clínica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar que os felinos são animais que possuem diversas particularidades, é de relevante importância que tutores conheçam seu comportamento para que haja um cuidado e manejos adequados. Contudo, a falta de conhecimento e estudos sobre o comportamento felino pode acarretar manejos inadequados, tanto na clínica veterinária como em suas casas, fatos estes que afetam o bem-estar desses animais, trazendo desconforto e até problemas de saúde. É necessário que pessoas que lidam com felinos, tenham a sensibilidade de aprender sobre a espécie para que sejam tratados de maneira adequada, promovendo o bem-estar necessário para que se sintam confortáveis e possam expressar seu comportamento natural. Estratégias de enriquecimento ambiental, bem como atenção à saúde física e necessidades nutricionais compreendem formas de oferecimento de bem-estar aos felinos, sejam domésticos ou silvestres.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.; MELO, C. Etologia de *Puma concolor* (Carnivora: Felidae) em cativeiro: diagnóstico e propostas de enriquecimento comportamental. **Sociedade de ecologia do Brasil**, Uberlândia, 2005. Disponível em: <https://www.seb-ecologia.org.br/revistas/indexar/>

anais/viiceb/resumos/176a.pdf. Acesso em: 2 mai. 2024.

AMAT, M.; MANTECA, X. Common feline problem behaviours: Owner-directed aggression. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.21, n.3, p.245-255, 2019.

ARHANT, C.; HÖRSCHLÄGER, N.; TROXLER, J. Attitudes of veterinarians and veterinary students to recommendations on how to improve dog and cat welfare in veterinary practice. **Journal of Veterinary Behavior**, Viena, v.31, p.10-16, 2019.

BENEDITO, R.A.; VASCONCELOS, T.C. Análise do conhecimento de responsáveis de gatos domésticos sobre o ambiente dos felinos. **PUBMED, Medicina Veterinária e Zootecnia**, v.17, n.12, p.1-9, 2023.

BOWEN, J; HEATH, S. **An overview of feline social behaviour and communication: behaviour problems in small animals: practice advice for the veterinary team**. 1. ed., Elsevier, Philadelphia: Saunders, 2005.

BRADSHAW, J. Normal feline behaviour: and why problem behaviours develop. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.20, n.5, p.411 - 421, 2018.

BRADSHAW, J.W.S.; CASEY, R.A.; BROWN, S.A. **The Behaviour of the Domestic Cat**. 2. ed., Boston: CABI, 2012.

BRASIL. **Ministério da Agricultura e Pecuária. Recomendações da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA)**, 2016. Disponível em: [Recomendações da Organização Mundial de Saúde Animal \(OMSA\) - Ministério da Agricultura e Pecuária \(www.gov.br\)](https://www.gov.br/ma/pt-br/assuntos/saude-animal). Acesso em: 04 abr. 2024.

CARCIOFI, A.C.; GOMES, M.O.S. A relação nutrição e bem-estar em cães e gatos. In: FARACO, C.B. **Bem-estar dos cães e gatos e medicina comportamental**. 1. ed., São Paulo: APAMVET, 2021. p.65-104.

CARDOSO, S.D.; FARACO, C.B.; SOUSA, L. History and Evolution of the European legislation on welfare and protection of companion animals. **Journal of Veterinary Behavior**, v.19, p.64-68, 2017.

CASE, L.P.; DARISTOTLE, L.; HAYEK, M.G.; RAASCH, M.F. Protein requirements. In: **Canine and feline nutrition. A resource for companion animal professionals**. St. Louis: Mosby, 2010. p.27-106.

CASTRO, L.S. **Influência do enriquecimento ambiental no comportamento e níveis de cortisol em felídeos silvestres**, 2009. 110p. (Dissertação de Mestrado em Saúde Animal). Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CHAVES, G. Adaptação para gatos. In: FARACO, C.B. **Bem-estar dos cães e gatos e medicina comportamental**. 1. ed., São Paulo: APAMVET. 2021. p311-312.

DARIO. Gatos e a linguagem do rabo, 2015. Disponível em: <https://www.almanaquesos.com/gatos-e-a-linguagem-do-rabo/>. Acesso em: 23 abr. 2024.

DAWSON, L.C.; DEWEY, C.E.; STONE, E.A.; GUERIN, M.T.; NIEL, L. Evaluation of a canine and feline behavioural welfare assessment tool for use in companion animal veterinary practice. **Applied Animal Behaviour Science**, v.201, p.67-76, 2018.

DEFRA. Code of practice for the welfare of cats. **Department for environment food and rural affairs**. Londres. p.1-14. 2013.

DYBDALL, K.; STRASSER, R.; KATZ, T. Behavioral differences between owner surrender and stray domestic cats after entering an animal shelter. **Applied Animal Behaviour Science**, v.104, n.1-2, p.85-94, 2007.

ELLIS, S.L.H.; RODAN, I.; CARNEY, H.C.; HEATH, S.; ROCHLITZ, I.; SHEARBURN, L.D.; SUNDAHL, E.; WESTROPP, J.L. AAFP and ISFM Feline Environmental Needs Guidelines. **Revista de Medicina e Cirurgia Felina**, v.15, n.3, p.219-230, 2013.

ELLIS, S.L.H. Environmental enrichment: Practical strategies for improving feline welfare. **Journal of Feline Medicine & Surgery**. v.11, n.11, p.901-912, 2009.

ESTRELA-LIMA, A.; SILVA, V.B. Fatores Predisponentes e Prevenção do Câncer de Mama em Pets. In: Cassali, G.D.; Nakagaki, K.Y.R. (Org.). **Patologia Mamária Canina e Felina do Diagnóstico ao Tratamento**. 2. ed., São Paulo: MedVet, v.1, 2023. p.1-548.

FARACO, C.B. **Bem-estar dos cães e gatos e medicina comportamental**. 1. ed., São Paulo: APAMVET, 2021.

FASCETTI, A.J. Nutritional management and disease prevention in healthy dogs and cats. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.39, p.42-51, 2010.

FASCETTI, A.J.; DELANEY, S.J. Feeding the healthy dog and cat. In: FASCETTI, A.J.; DELANEY, S.J. **Applied Veterinary Clinical Nutrition**. 1 ed., Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012. p.75-94.

FRAGOSO, S. Bem-estar dos gatos. In: FARACO, C.B. **Bem-estar dos cães e gatos e medicina comportamental**. 1. ed., São Paulo: APAMVET. 2021. p.51-63.

GAMBA, P. **A Linguagem dos Gatos**, 2022. Disponível em: <https://newsprofissoes.com.br/a-linguagem-dos-gatos>. Acesso em: 23 abr. 2024.

GOURKOW, N.; FRASER, D. The effect of housing and handling practices on the welfare, behaviour and selection of domestic cats (*Felis sylvestris catus*) by adopters in an animal shelter. **UFAW Universities Federation for Animal Welfare**, v.15, p.371-377, 2006.

GRANT, RACHEL A.; WARRIOR, J.R. Clicker training increases exploratory behaviour and time spent at the front of the enclosure in shelter cats; Implications for welfare and adoption rates. **Applied Animal Behaviour Science**, v.211, p.77-83, 2019.

GREEN, A.S.; RAMSEY, J.J.; VILLAVERDE, C.; ASAMI, D.K.; WEI, A.; FASCETTI, A.J. Cats are able to adapt protein oxidation to protein intake provided their requirement for dietary protein is met. **The Journal of Nutrition**, v.138, n.6, p.1053-1060, 2008.

- HART, B.L.; HART, L.A. Problemas e soluções comportamentais felinas. In: TURNER, D.C.; BATESON, P. (orgs). **O gato doméstico: a biologia do seu comportamento**. 3. ed., Cambridge University Press, 2014. p.201-212.
- HERRON, M.E.; SHREYER, T. The pet-friendly veterinary practice: a guide for practitioners. **Veterinary Clinics: Small Animal Practice**, v.44, n.3, p.451-481, 2014.
- HORWITZ, D.F. Comportamentos comuns de problemas felinos: Pulverização de urina. **Revista de Medicina e Cirurgia Felina**. 21(3):209-219, 2019.
- INSTITUTO PET BRASIL, 2019. **Censo pet: 139,3 milhões de animais de estimação no Brasil**. Disponível em: Censo Pet: 139,3 milhões de animais de estimação no Brasil – Instituto Pet Brasil. Acesso em: 17 abr. 2024.
- LEVINE, E.D. Feline fear and anxiety. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v.38, n.5, p.1065-1079, 2008.
- LEY, J. Cats: Not Solitary but not Really a Social Species. In: RODAN, I.; HEATH, S. **Feline Behavioral Health and Welfare-E-Book**. 1. ed., Elsevier, Philadelphia: Saunders, 2015.
- MACHADO, J.C.; FERREIRA, G.A.; GENARO, G. Castração e Bem-Estar Felino. **Revista Brasileira de Zootecias**, v.19, n.2, p.265-279, 2018.
- MACHADO, D.S.; MACHADO, J.C.; SOUZA, J.O.T.; SANT'ANNA, A.C. A importância da guarda responsável de gatos domésticos: aspectos práticos e conexões com o bem-estar animal. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, v.17, p.1-13, 2019.
- MALDONADO, N.A.C.; GARCIA, R.C.M. Bem-estar Animal. In: JERICÓ, M.M.; KOGIKA, M.M.; NETO, J.P.A. **Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos**. 1. ed., Rio de Janeiro: Roca, cap.255. 2015. p.6.792–6.807.
- MARS PETCARE & PET BRANDS. **Mars, Incorporated**, 2018. Disponível em: Marte Petcare | Marte (mars.com). Acesso em: 23 abr. 2024.
- MCCUNE, S. Animal de companhia – ciclo familiar, papeis e tipos de interação. In: FARACO, C.B. **Bem-estar dos cães e gatos e medicina comportamental**. 1. ed., São Paulo: APAMVET, 2021. p.12-21.
- MENDONÇA-FURTADO, O. **Uso de Ferramentas como Enriquecimento Ambiental Para Macacos-Prego (Cebus Apella) Cativos**, 2006. 77p. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Experimental). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- MILLS, D.; KARAGIANNIS, C.; ZULCH, H. Stress – Its Effects on Health and Behavior: A Guide for Practitioners. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, v.44, n.3, p.525–541, 2014.
- MORENO, G.G.; LESEUX, C. Influência do enriquecimento ambiental no bem-estar de felinos silvestres mantidos em cativeiro. **Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária FAG**, v.1, n.1, p.66-75, 2018.

NIBBLETT, B.M.; KETZIS, J.K.; GRIGG, E.K. Comparison of stress exhibited by cats examined in a clinic versus a home setting. **Applied Animal Behaviour Science**, v.173, p.68-75, 2015.

NRC. Fat and fatty acids. In: **Nutrient Requirements of Dogs and Cats**. National Research Council. Washington: National Academies Press. cap.5, 2006a. p.81-110.

NRC. Protein and amino acids. In: **Nutrient Requirements of Dogs and Cats**. National Research Council. Washington: National Academies Press. cap.6, 2006b. p.111-144.

NRC. Vitamins. In: **Nutrient Requirements of Dogs and Cats**. National Research Council. Washington: National Academies Press. cap.8, 2006c. p.193-245.

OLIVEIRA, C.F.; NOTOMI, M.K. Bem-estar animal aplicado à clínica médica de cães e gatos domésticos. **Ciência Animal**, v.33, n.3, p.98-113, 2023.

OVERALL, K.L.; MILLS, G. Humane handling of animals when obtaining blood samples. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v.240, n.10, p.1158-1158, 2012.

PAIXÃO, R.L.; MACHADO, J.C. Conexões entre o comportamento do gato doméstico e casos de maus-tratos, abandono e não adoção. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v.10, n.20, p.137-168, 2015.

RODAN, I. SUNDAHL, E.; CARNEY, H.; GAGNON, A.C.; HEATH, S.; LANDSBERG, G.; SEKSEL, K.; YIN, S. American animal hospital association. AAFP and ISFM feline-friendly handling guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.13, n.5, p.364-375, 2011.

RODAN, I.; DOWGRAY, N.; CARNEY, H.C.; CAROZZA, E.; ELLIS, S.L.H.; HEATH, S.; NIEL, L.; DENIS, K.S.T.; TAYLOR, S. AAFP/ISFM Cat Friendly Veterinary Interaction Guidelines: Approach and Handling Techniques. **Revista de Medicina e Cirurgia Felina**, v.24, n.11, p.1093-1132, 2022.

SANTOS, F.S.; TÁPARO, C.V.; COLOMBO, G.; TENCATE, L.N.; PERRI, S.H.V.; MARINHO, M. Conscientizar para o bem-estar animal: posse responsável. **Revista Científica em extensão**, v.10, n.2, p.65-73, 2014.

SILVA, O.R. **Enriquecimento ambiental cognitivo sensorial para onças-pintadas (pantera onça) sedentarismo em cativeiro induzindo redução de níveis de cortisol promovendo bem-estar**, 2011. 71p. (Dissertação de Mestrado em Ciências do Comportamento). Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Brasília, 2011.

SILVA, T.C.; BARRETO, T.B.M.; ANDRADE, M.; MIRANDA, A.L.S.; BASSOLI, A.C.D.G. Conhecimento e percepção dos médicos veterinários do hospital veterinário da UFRPE sobre a castração pediátrica. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v.13, n.3, p.72-72, 2016.

SNITCIFSKY, M. Transtorno de ansiedade em gatos. In: FARACO, C.B. **Bem-estar dos cães e gatos e medicina comportamental**. 1. ed., São Paulo: APAMVET, 2021. p.140-150.

TANAKA, A.; WAGNER, D.C.; KASS, P.H.; HURLEY, K.F. Associations among weight loss, stress, and upper respiratory tract infection in shelter cats. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v.240, n.5, p.570-576, 2012.

TATEO, A.; ZAPPATERRA, M.; COVELLA, A.; PADALINO, B. Factors influencing stress and fear-related behaviour of cats during veterinary examinations. **Italian Journal of Animal Science**, v.20, n.1, p.46-58, 2021.

VEISSIER, I.; MIELE M. Animal welfare: towards transdisciplinarity - The European experience. **Animal Production Science**, v.54, n.9, p.1119-1129, 2014.

WEEDON, G.R.; KUSTRITZ, M.V.R.; BUSHBY, P. **Influence of Spay–Neuter Timing on Health. High-Quality, High-Volume Spay and Neuter and Other Shelter Surgeries**, v.1, n.1, p.509-520, 2020.